



SAPIENS -Revista de divulgação científica – UEMG CARANGOLA

v.1 n.02 – Outubro 2018

O OLHAR DA CRIANÇA PARA A EDUCAÇÃO FINANCEIRA: UM PROJETO NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Luciano Dias de Sousa,
Fernanda Bevilaqua Costa,
Sônia Maria de Oliveira

Resumo: Esse estudo buscou analisar o que as crianças do 2º/3º ano do Ensino Fundamental, da E.E.M.V., município de Carangola/MG pensam acerca da educação financeira. Dialogou-se, sobretudo, com os autores D’Aquino (2008), Faveri; Kroetz; Valentim (2012), Kiyosaki (2014). A investigação vem sendo realizada por meio das narrativas infantis, desenvolvida através de três oficinas temáticas: 1) narrativas infantis acerca dos conceitos: dinheiro, gastos, doações e economias familiares; 2) confecção do Quadro dos Sonhos; 3) somente o essencial. As narrativas das crianças revelam uma compreensão do dinheiro relacionado, predominantemente, aos pilares ganhar e gastar. Poucas crianças dizem ser comum a prática de economizar e doar na vida cotidiana das famílias. Os sonhos revelam as marcas do desejo de obter objetos materiais e obter aquilo que o dinheiro não é capaz de comprar: o amor. A partir das narrativas percebe-se a importância da educação financeira nas escolas, pois, em alguns momentos às crianças expressam desejos que sobrepõem as lógicas da sociedade capitalista, no que tange as relações com o dinheiro.

Palavras-chave: educação financeira; olhar das crianças; narrativas infantis.

1. Introdução

Neste estudo pretende-se compreender e analisar o que as crianças do 2º/3º ano do Ensino Fundamental, da E.E.M.V., município de Carangola/MG pensam acerca da educação financeira. Especificamente, têm-se a intenção de compreender por meio das narrativas infantis, apresentadas nas oficinas temáticas, os conhecimentos prévios que as crianças têm a respeito da educação financeira, propondo um diálogo acerca dos elementos constituintes desta temática, a saber: ganhar, gastar, poupar e doar.

Na esfera escolar, segundo estudos de Faveri, Kroetz e Valentin (2012 p.4), os países desenvolvidos têm colocado a Educação Financeira nas suas propostas curriculares. No Brasil, no entanto, esse tema é tratado em poucas escolas através de projetos ou diluído em alguma disciplina obrigatória, fato



que caracteriza a importância da pesquisa a qual esse texto integra. Isto, principalmente, por se pensar a criança como protagonista desse percurso, hoje, ainda não sistematizado pelo/no sistema educacional brasileiro.

Dessa maneira, preocupou-se em compreender as marcas e as manifestações que as crianças trazem com relação ao dinheiro, concebendo a ideia de que elas são atores sociais que produzem e reinventam. Realidade que se faz preponderante para pensar esta proposta de estudo. Partimos do princípio de que, para trabalhar a educação financeira com crianças, é preciso pensar sobre o conceito de experiência, pois, podemos informar as crianças sobre as bases da educação financeira - ganhar, gastar, poupar e doar, mas, sem a marca da experiência, da vivência da realidade apreendida pelas próprias crianças, sobrepõe-se a informação, fator que, posto em prática, descaracterizaria este estudo a nível paradigmático, epistemológico e conceitual. Nessa perspectiva, recorremos e acolhemos ao pensamento de Larrosa (1998, p. 26) quando ele afirma que “a experiência é aquilo que nos ‘passa’, aquilo que nos toca, ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma. Somente o sujeito da experiência está aberto a sua própria transformação”.

Faveri, Kroetz e Valentin (2012) argumentam que a escola pode ajudar aos alunos a perceberem que as ações conscientes empreendidas nos dias de hoje podem agregar mais valor ao tempo futuro, desenvolvendo outras expectativas diante da possibilidade de uma vida social de maior qualidade.

Na perspectiva de Kiyosaki (2014), a ausência de uma educação financeira nas escolas é uma das causas da crise econômica que o mundo experimenta. Outro fator importante diz respeito a construção histórica da instituição escolar, pois essa por ter se estruturado na Era agrária, marginalmente atualizada no período da Era Industrial, não acompanhou o ritmo acelerado da Era da Informação.



Em entrevista concedida a Pereira (2009), D´Aquino diz que associa a dificuldade em lidar com as finanças em nosso país, após 1942, ao fato do Brasil ter experimentado

o uso e circulação de 08 (oito) tipos de moedas, até final do século XX. Foi através da criação do Real, em 1994, e sua posterior estabilização, que a educação financeira aparece na pauta de discussões de alguns estudiosos, já que numa economia dominada pela inflação, toda tentativa de planejamento financeiro poderia se tornar ineficaz (D´AQUINO, 2008).

Na visão de Frankenberg (1999), o papel dos pais é muito importante na educação financeira, pois duplicam as referências e modelos que utilizam ao lidar com dinheiro. Segundo esse autor, desde pequenas, no contexto familiar, o modo como os pais utilizam o dinheiro pode influenciá-las positiva ou negativamente. D´Aquino segue essa mesma ideia e, ainda, anuncia que a escola – em parceria com a família – precisam se aproximar para discutir esse tema (D´AQUINO in PEREIRA, 2009).

Os alunos brasileiros estudam, em média, de 17 a 21 anos, considerando o percurso escolar da Educação Básica ao Ensino Superior. Nesse tempo, aprendem muito pouco sobre lidar com o dinheiro. Fato esse que pode trazer consequências no processo de gerenciamento de suas próprias finanças, das finanças dos seus lares, e, quando optam pelo empreendedorismo, em muitos casos, encontram dificuldades em gerir o seu próprio negócio.

Segundo estudos de Faveri, Kroetz e Valentin (2012, p.4), os países desenvolvidos têm colocado a educação financeira nas suas propostas curriculares. No Brasil, esse tema é tratado em poucas escolas, através de projetos ou diluído em alguma disciplina obrigatória.

A ausência de uma educação financeira colabora com a Mídia no processo de formação de crianças consumistas. As crianças brasileiras são as que mais assistem TV, diariamente. Elas ficam, em média, 3h30min, em frente



à TV, segundo os estudos da Eurodata TV Woldlwide em 2005, na França (D'AQUINO in SOUZA, 2012).

Paulo Freire (1979), um dos maiores educadores do mundo, ao tratar da relação homem mundo, desafia-nos a nos reconhecer no mundo, a partir do ato comprometido de agir e refletir sobre ele. Assim, é preciso ser capaz de ter consciência de ser ver condicionado a sua condição de estar sendo.

Se a possibilidade de reflexão sobre si, sobre seu estar no mundo, associada indissolavelmente à sua ação sobre o mundo, não existe no ser, seu estar no mundo se reduz a um não poder transpor os limites que lhe são impostos pelo próprio mundo, do que resulta que este ser não é capaz de compromisso. É um ser imerso no mundo, no seu estar adaptado a ele e sem ter dele consciência. Sua imersão na realidade, da qual não pode sair, nem “distanciar-se” para admirá-la, e, assim, transformá-la, faz dele um ser “fora” do tempo ou “sob” o tempo ou, ainda, num tempo que não é seu (FREIRE, 1979, p.8).

Nesse sentido, a família e a escola possuem um papel fundamental para se pensar o processo de educação financeira das crianças.

Com base numa concepção mais específica do processo de aprendizagem, na perspectiva de Vygotsky (1997) vê-se que o ambiente cultural se torna parte essencial na constituição do ser humano. É enquanto ser social que o homem cria suas formas de ação no mundo e as relações complexas entre suas várias funções psicológicas. Isso ocorre através da relação mediada, estabelecida por meio de instrumentos e símbolos. Dessa forma, o “aprendizado vai ocorrer a partir da interferência, direta ou indireta de outros indivíduos e a reconstrução pessoal das experiências e dos significados.” (OLIVEIRA, 1997, p. 78-79).

2. Metodologia



Este estudo tratava-se a princípio de uma pesquisa-ação. Todavia, a escuta das crianças desconstruiu essa perspectiva, na medida em que as narrativas contemplaram outra forma de pensar a pesquisa, o ensino e a extensão, proposta de base deste estudo. Nesse sentido, o caráter dialógico surge quando os pesquisadores compreendem a necessidade de ouvir as crianças e reconstruir outros percursos em que a criança passa a ser protagonista.

Selecionou-se a E.E.M.V. como pioneira na implementação do projeto em função do trabalho que esta vem desenvolvendo em diálogo com a Universidade pública, professoras e estudantes e, também, em virtude do apoio e interesse da Gestão da Instituição por esta pesquisa. Diante disso, realizou-se reunião com o Coordenador e Pedagoga da escola para adequação da grade curricular da instituição ao desenvolvimento das propostas de atividades e definição das turmas atendidas pelo projeto. Previa-se, inicialmente, trabalhar do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental de um turno da escola. No entanto, foi preciso reduzir o número de turmas em função do tempo disponibilizado pela escola e do tempo disponível para a execução do projeto por parte da equipe participante. Sendo assim, optamos por trabalhar com as turmas do 2º e 3º ano do Ensino Fundamental.

Na Oficina 01 (um) intitulada “Narrativas Infantis”, através de uma roda de conversa dedicou-se a ouvir as crianças acerca do que elas pensam sobre os conceitos de dinheiro relativos à: ganhar, gastar, poupar e doar. Na Oficina 02 (dois) desenvolveu-se o *Quadro dos Sonhos*, através de recorte e colagem de figuras onde as crianças puderam expressar suas marcas e desejos. Na Oficina 03 (três) trabalhou-se com a ideia do que é “Somente é essencial” através da contação de história de um livro infantil que tem como título o nome da oficina referido.

Para o desenvolvimento das atividades do Projeto, a escola fez uma adequação na grade curricular nas turmas participantes, conforme sugestão da



Coordenação, Pedagoga e Professores da instituição. Essa adequação consistiu em, por duas vezes na semana, a equipe do Projeto trabalhar com as turmas no horário de biblioteca (50 min) e da disciplina Ensino Religioso (50 min), nas quartas e sextas feiras. O projeto se desenvolve, nesse tempo, através de oficinas temáticas que utilizam, predominantemente, histórias infantis que tratam dos princípios e valores da educação financeira.

Identificou-se a criança com nome fictício a fim de preservar a identidade.

A seguir, serão apresentadas as 03 (três) oficinas temáticas que foram desenvolvidas na escola, no período de maio a dezembro de 2018.

3. Pensando a Educação Financeira com as crianças...

3.1 Oficina 01

Narrativas infantis – uma *roda de conversa*

Nesta oficina buscou-se compreender as ideias que as crianças (7/8 anos de idade), das turmas do 2º/3º ano do Ensino Fundamental possuem sobre “dinheiro”. A partir da roda de conversa que ocorreu na biblioteca da escola tecemos juntos, os fios, das narrativas que ora desconstruíam os conceitos apreendidos pelo pesquisador e graduandas e, que ora teciam novas possibilidades de pensar com elas o delinear dos próximos encontros.





Figura 1 – arquivo pessoal.

A realização do diálogo com as crianças foi desafiadora. Muitas delas, simultaneamente, queriam narrar as suas impressões e marcas acerca da leitura que faziam sobre o uso do dinheiro na vida cotidiana. Para organizar o momento e permitir que todos tivessem voz na conversa, combinamos que poderiam participar, quando se sentissem a vontade para isso, sinalizando essa intenção com a mão. Foi o primeiro contato da equipe do projeto com a turma. Muitos levantaram as mãos no impulso, mas somente algumas crianças se manifestaram de forma a narrar suas perspectivas. Iniciamos o diálogo...

Começou-se discutindo a impressão das crianças sobre o “dinheiro”, usando como referência o “dinheirinho de papel”, logo a partir dessa apresentação, a equipe do projeto foi surpreendida com uma fala: *nós gostamos de dinheiro de verdade*. Infantilizamos a palavra para nos aproximarmos delas, mas esquecemos, neste momento, como diz D’Aquino (2008, p.3) que aos dois anos e meio as crianças já iniciam o processo de participação no mundo do consumo, quando assim pedem aos familiares: “compa isso pra mim? ”. Com Sarmiento (2002) foi possível pensar que a infantilização da fala desvinculou a criança da condição de ator social, neste sentido, percebeu-se a importância de ressignificar o “olhar das pesquisadoras”, uma vez que, “as crianças constroem o ambiente que as rodeia e a sociedade mais vasta em que vivem” (SARMENTO, 2002, p. 70).

Na roda de conversa, aproximadamente 95% das crianças do 2º/3º ano do ensino fundamental atribuiu ao pilar gastar, a função predominante do uso do dinheiro. Percebe-se que as crianças atribuem ao dinheiro os significados que lhe são imputados pela sociedade capitalista.

Durante a conversa discutimos se o dinheiro tem apenas a função de comprar, nesse momento, os pilares economizar e doar aparecem.

Renata diz:



- Não, [serve] pra economizar, por que quando a gente quiser comprar uma coisa cara e boa a gente tem que economizar; (2º ano)

Já Marina diz:

- Pra dar pros pobres, tia; (2º ano)

O diálogo continua através de Pedro:

- serve para doar; (2º ano).

Os conceitos doar e economizar destaca-se nas narrativas de três crianças das duas turmas. Fato passível de análise já que o uso consciente e racional do dinheiro no processo de construção da educação financeira se pauta em 04 pilares: ganhar, gastar, economizar e doar (D´AQUINO, 2018).

De acordo com as narrativas tecidas, a roda de conversa ia se desenvolvendo.

Pesquisadora: O que seus pais compram com o dinheiro que eles ganham?

Maria diz: *Compra comida, roupa; (2º ano)*

Marcela sinaliza: *Ela compra panela, compra comida; (2º ano)*

Mário: *Calçado; (2º ano)*

Pedro acrescenta: *Quando a minha mãe ganha dinheiro ela não gasta tudo, ela deixa pra economizar e vai [...] e quando ela tem dinheiro ela vai lá e compra no mercado; (2º ano)*

A pesquisadora deixa a conversa fluir, as narrativas continuam e cada criança contribui de acordo com sua vivência cotidiana acerca do dinheiro.

Camila continua a narrativa: *Quando ela tem dinheiro, ela [mãe] vai lá e compra no mercado; (3º ano)*

A pesquisadora indaga a Camila: O que ela compra no mercado?

Camila diz: *Compra comida, compra legumes; (3º ano)*

Continuamos a conversa sobre o uso do dinheiro pelos pais. Pedro diz: *paga conta de luz e de água; (3º ano)*



João: compra roupa pra mim e para meus irmãos; (3º ano)

Caio: tudo o que eu peço o meu pai compra pra mim, ele compra, mas tem hora que ele não pode comprar, que ele tem que pagar conta de luz, eu não ligo não. (3º ano)

Percebe-se que o pilar economizar e doar não aparenta ser comum nas práticas orçamentárias do cotidiano dessas famílias. Na visão de Frankenberg (1999), o papel dos pais é muito importante na educação financeira, pois duplicam as referências e modelos que utilizam ao lidar com dinheiro. Segundo esse autor, desde pequenas, no contexto familiar, o modo como os pais utilizam o dinheiro podem influenciar as crianças positiva ou negativamente. D’Aquino, segue essa mesma ideia e, ainda, considera que é importante que escola em parceria com a família se aproximem para discutir a temática (D’AQUINO in PEREIRA, 2009).

A partir das narrativas considera-se importante pensar a existência de uma proposta curricular mais sistematizada que inclua a temática “educação financeira”. Caldas (in ABRANTES et al., 2011, p.3), nos aponta que:

80% da influência de compra dentro de uma casa vem das crianças, o que explica os esforços publicitários no sentido de atrair e despertar desejos desse público. Fascinadas pelas propagandas e anúncios estrategicamente elaborados e colocados na mídia, as crianças veem surgir um desejo pela aquisição dos produtos. Se este processo não for controlado da maneira correta pelos pais, pode fazer com que se crie um indivíduo consumista, que se tornará um jovem e adulto com sérios problemas financeiros e até mesmo pessoais.

Esse fator nos convida a reflexão acerca do papel da mídia no processo de formação das identidades infantis e, ainda, pensar sobre o nosso papel como educadores (as) e pesquisadores (as) no processo de dialogar sobre



essa temática junto as pessoas envolvidas nesse processo de formação infantil, o qual exige um diálogo sobre a temática aqui exposta.

3.2 Oficina 2 Quadro dos sonhos

Neste momento as crianças construíram o “Quadro dos Sonhos”. A atividade teve como finalidade a colagem de imagens que representassem os sonhos de cada criança, fazendo com que elas pensassem sobre os sonhos infantis e a possibilidade de realizá-las. Algumas tiveram dificuldades em pensar em sonhos, o que novamente me leva a pensar: O que é sonho para as crianças? Será que a educação financeira é um projeto unilateral ou algo que de forma unilateral foi pensado pela educadora? O que as crianças podem auxiliar com a ausência dos sonhos? A criança é pura ludicidade, por que não sonhar quando citamos o dinheiro? Novamente, a criança nos desconstrói e pedimos imensa sutileza para aprender e apreender com as mesmas.

Com a voz as crianças...



Figura 2: arquivo pessoal



Figura 3 – arquivo pessoal



Figura 4 – arquivo pessoal

Observou-se, por meio dessa oficina, como é peculiar o olhar do dinheiro na vida de cada criança ou o que ele pode proporcionar em suas vidas. Percebe-se através das falas mencionadas que a educação financeira e o que as crianças dizem estão interligadas com as necessidades de ordem biológica e da ordem do desejo, como: ter duas casas, ter um cavalo, gasolina para colocar no carro, ter “amor”, ser bonito, como mencionado pelas crianças: Ricardo, Augusto e César; Manu e João Carlos.

Ricardo: *Meu sonho é ter gasolina pra pôr no carro;*

Augusto: *Eu sonho ter um cavalo;*

César: *Duas casas;*



A pesquisadora questiona: Pra que duas casas?

Ah, quando eu enjoar de uma eu vou pra outra.

Manu: *eu sonho em ter mais amor;*

Pesquisadora: Por que você não recebe amor?

Manu: *mais ou menos;*

João Carlos: *ser bonitão igual esse homem aqui oh...*

Considera-se que o ideal seria ter mais tempo e espaço para pensar cada narrativa apresentada. Nesse momento, não sendo possível, optou-se por discutir as narrativas dos alunos César e João Carlos. As lógicas das crianças indicam a influência das lógicas externas que lhes tocam diretamente, retratada no padrão de beleza brasileiro construído socialmente e, na obtenção de bens materiais, que segundo a Educação Financeira ultrapassa a lógica da necessidade, como por exemplo, obter duas casas, para quando “enjoar de uma” ir para “outra”. No quadro do sonho do menino João Carlos aparece um homem branco, alto, com barba e elegante. Pergunta-se: Qual a racionalidade desenvolvida por essas crianças acerca dos sonhos? Neste sentido, Castro (2001, p. 32) nos auxilia a pensar sobre as influências sociais e culturais externas vivenciadas pelas crianças.

A ação da criança nunca pode ser tomada isoladamente, no vácuo social e cultural produzido experimentalmente, onde ela é considerada como produto e resultado de ‘influências sociais e culturais externas’. A ação da criança produz-se na constituição da própria sociedade e cultura onde a criança se insere, cujo sentido ultrapassa o individualmente concebido [...] (CASTRO, 2001, p.32)

Walter Benjamin (2002, p.94), em seus escritos ao nos dizer que a criança não é nenhum Robson Crusóé, não está enclausurada, faz parte da sociedade em que vive e nela intervém, nos faz refletir sobre o quadro dos sonhos das crianças participantes do projeto, pois somos movidas neste estudo pela intenção de visualizar a educação financeira como algo necessário na



atual conjuntura social, política e econômica brasileira. Temos, diante dessa realidade, a preocupação em entender as marcas que o dinheiro produz na trajetória dessas crianças, sobretudo na perspectiva de pensar quais crenças os adultos vêm produzindo junto, para elas e com elas.

Nessas narrativas, destacam-se às singularidades e, ainda, algumas similaridades evidenciadas nos sonhos. Enquanto a maior parte das crianças apresenta sonhos materiais, a menina Manu pede por “amor” dizendo que se sente mais ou menos amada. Talvez isso nos convide a pensar o modelo de consumo que estamos imputando aos pequenos e, por outro lado, no caso da menina, a ausência como ocorre no caso de Pedro.

Ao observar a participação de Pedro na Oficina “Quadro dos sonhos”, encontrou-se outras possibilidades de análise. Enquanto os demais colegas associavam o dinheiro à aquisição de objetos, Pedro, no momento em que o colega ao lado colava as fotos que representava o seu sonho, de forma impulsiva ele tenta riscar as colagens do colega, apresentando resistência na construção do seu quadro dos sonhos. Pedro é uma “criança muito carente e têm muitos problemas familiares”, segundo informações disponibilizadas pelas professoras e demais funcionários da escola, que se relacionam com a criança.

A partir desta ação, percebe-se que quando pretendemos trabalhar com crianças e, principalmente, com crianças de escola pública, devemos ficar atentos a todos os gestos, ações, movimentos, que a princípio podem parecer repulsa ou ausência a alguma atividade proposta. Pedro e Manu nos fazem imaginar que a infância é um outro, aquilo que, sempre além de qualquer tentativa de captura, inquieta a segurança de nossos saberes, questiona o poder de nossas práticas e abre um vazio em que se abisma o edifício bem construído de nossas instituições de acolhimento. Pensar a educação financeira com as crianças torna-se um desafio, justamente porque precisamos pensar acerca desta inquietação permanente que é ser criança e, ainda,



entender quais os princípios e valores estamos priorizando no mundo moderno que vêm impactando a vida das nossas crianças.

3.3 Oficina 03 “Somente o essencial”

Nesta oficina, narrou-se a história em quadrinho “Somente o Essencial”, do livro “Almanaque Maluquinho – Pra que Dinheiro?” e foi proposta uma atividade em que os alunos deveriam escrever em cada lado da folha o que lhe parecia ser ou não essencial, no que diz respeito à sobrevivência. O objetivo da atividade foi coletar esses dados, para que dessa forma, pudéssemos iniciar as discussões acerca do “uso consciente do dinheiro”.

Maria (do 2º ano), disse para a monitora ser essencial:

_ *Ter perna e braço.*

Quando a monitora tenta compreender a aluna, pergunta:

_ Monitora: Você está fazendo referência aos movimentos corporais? Maria fez uma afirmação com a cabeça.

_ Monitora: você conhece alguém que não tenha os movimentos das pernas e/ou dos braços?

_ Maria: sim.

Ainda no diálogo Nina, outra criança, disse: na minha casa falta muita coisa que é essencial. Marina, outra participante da conversa se emocionou ao fazer a atividade, não conseguindo concluí-la e nem falar sobre o assunto, já que este a deixava triste. Fato este, que revelam, dentre outros, o quanto é importante ouvir as crianças acerca daquilo que é proposto sobre o assunto.

4. Algumas considerações...

Com este estudo pretendíamos *a priori* desenvolver uma pesquisa-ação com vistas a implementar uma proposta de educação financeira numa escola



pública de Carangola/MG, com crianças de 07 e 08 anos de idade. Acreditava-se que os pilares ganhar, gastar, poupar e doar, elementos constituintes da educação financeira poderiam ser compreendidos através do diálogo com as crianças, professoras e pesquisadoras, utilizando livros de história infantil, por meio de oficinas temáticas.

A partir das narrativas infantis apresentadas nas oficinas observou-se que as crianças traziam ideias sobre o dinheiro que perpassavam os pilares da educação financeira. Nas falas de Manu, por exemplo, na oficina “Quadro dos sonhos”, quando a criança destaca ter o “amor” como único sonho; na oficina – “Somente o essencial”, quando Maria diz que ser essencial é ter pernas e braços, porque conhece alguém que não os tem, pressupõe-se que esses desejos infantis não seriam vistos com importância quando olhássemos a criança com o olhar do adulto, numa visão verticalizada do saber. Por isso, desconstruídas pelas lógicas infantis, as narrativas revelaram-se aliadas num processo contínuo de ação-reflexão-ação, tanto para as crianças, professoras, pesquisadoras e, para os pais que ofereciam feedbacks através de atividades enviadas para casa e reuniões.

Nessa perspectiva, foi possível refletir sobre os conceitos que os envolvidos no projeto tinham-se acerca do dinheiro, sobre os sonhos, sobre o que é ser essencial, sobre os maiores e peculiares desejos, estes últimos, geralmente não postos pelo sistema capitalista. Tal organização, por meio das mídias ao estabelecer os padrões de consumo, de beleza, por exemplo, incita-nos a utilizar o dinheiro de forma irracional, o que pode trazer consequências danosas nas relações estabelecidas com o dinheiro.

Não tratar, portanto, desta temática na escola consiste em desconsiderar a sua proeminência nos valores que constituem a vida cotidiana; desconhecer as impressões das crianças constitui-se ação isolada no processo de aprendizagem e desenvolvimento infantil, se considerar a formação enquanto integralidade.



Referências Bibliográficas:

ABRANTES, Taynar Ingrid de Almeida; Ferreira, Ingrid Renally Gomes Santos, Raíssa Costa dos; Ventura Ana Flávia Albuquerque; Júnior Raul Ventura. **Educação Financeira Infantil: Brincando com Dinheiro.** Disponível em: <http://periodicos.ufes.br/guara/article/view/15852>. Acesso em: 15 abril de 2018.

BARBIER, R. A escuta sensível na abordagem transversal. In BARBOSA, Joaquim (Coord). Multirreferencialidade nas Ciências e na Educação. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998. p.168-199.

BONDIA, Jorge Larossa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso: 12 set. 2018.

CASTRO, L. R. de (2001). **Da invisibilidade à ação:** crianças e jovens na construção da cultura. In: L. R. de Castro (Org.), Crianças e jovens na construção da cultura (pp.19-46). Rio de Janeiro: Nau Editora.

CALDAS, S. **Pais e mães enfrentam o consumismo infantil no Dia das Crianças.** Out 2011. Disponível em: <http://www.ecodesenvolvimento.org/posts/2011/outubro/pais-e-maes-enfrentam-o-consumismo-infantil-no-dia>. Acesso em: 14 de abril de 2016.

D'AQUINO, Cássia de. **Educação financeira.** Como educar seus filhos. Rio de Janeiro: Elsevier, 2008.

FAVERI, D.B de; KROETZ, M.; VALENTIM, I. Educação Financeira para Crianças. In: Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, **IX SEGeT**, 2012, Resende, RJ.

KIYOSAKI, R. **Empreendedorismo não se aprende na escola.** 1. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.

OLIVEIRA, M. K de. **Vygotsky:** aprendizado e desenvolvimento, um processo sóciohistórico. São Paulo: Scipione, 1997.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Imaginário e Culturas da Infância.** Instituto de Crianças. Projeto “As Marcas dos Tempos: a Interculturalidade nas Culturas da Infância”. Universidade do Minho. 2002.



SAPIENS -Revista de divulgação científica – UEMG CARANGOLA

v.1 n.02 – Outubro 2018